

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

- *A Juventude Adventista e o Casamento* — Pág. 13
- *A Dona de Casa Perante a Observância do Sábado*

— Pág. 14



Samuel Monnier
Presidente

UNIÃO SUL-EUROPEIA



David S. R. Vasco
Secretário-Tesoureiro

A partir de 1 de Janeiro de 1972 ficamos a pertencer à União Sul-Europeia dos Adventistas do Sétimo Dia, que tem a sua sede em Roma.

Esta União é constituída por Portugal metropolitano, Espanha, Itália, Grécia e Israel, além de outros territórios como Cabo Verde, Guiné Portuguesa, Saará Espanhol, Albânia, Andorra, Gibraltar, Malta e San Marino.

No momento da sua constituição, tem cerca de 10 000 membros baptizados, fazendo parte de umas 150 igrejas organizadas.

O Presidente da União é o Pastor Samuel Monnier, até à data secretário dos Departamentos das Actividades Leigas, Escola Sabatina e Rádio da Divisão, e o secretário-tesoureiro é o Pastor David Sousa Reis Vasco, que todos os leitores da **Revista Adventista** têm conhecido como secretário-tesoureiro da extinta União Portuguesa.

Os secretários departamentais são os seguintes: Michele Buonfiglio, da Educação, Missionários Voluntários e Rádio; Eugénio Rodriguez, das Actividades Leigas, Escola Sabatina e Temperança; António Bueno, da Associação Ministerial; e David Sanguesa, das Publicações. Com as suas funções de presidente, Samuel Monnier acumula as de secretário dos Departamentos das Relações Públicas e Liberdade Religiosa; e com as de secretário-tesoureiro, David Vasco acumula as de secretário do Departamento da Mordomia.

À Direcção da nova União os obreiros e membros de Portugal oferecem a sua plena colaboração e desejam abundantes bênçãos no desempenho das suas responsabilidades.

SUMÁRIO

União Sul-Europeia
Mordomia do tempo
Mensagem do presidente da
União Sul-Europeia
A Divisão Euro-Africana
A administração da vida
Seguro social Divino
História do mês
Através do mundo adventista
A reforma inacabada — Filipe
Melancton
Página dos jovens
Notícias do campo
Agenda adventista
O talento da influência

JANEIRO 1972

ANO XXXIII N.º 304

Director e Editor:

ERNESTO FERREIRA

Administrador:

D. S. R. VASCO

Corpo de Redacção:

A. CASACA, O. COSTA,
A. ECHEVARRIA, M. LARAN-
JEIRA e A. C. LOPES

Proprietária:

PUBLICADORA ATLÂNTICO
S. A. R. L.

Redacção:

R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
L I S B O A

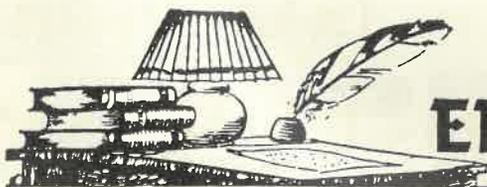
Administração:

RUA JOAQUIM DIAS SOUSA
RIBEIRO, LOTE 18, 1.º
S A C A V E M

Composto e impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1-C — Lisboa

Assinatura anual: 40\$00

Número avulso: 4\$00



Página
EDITORIAL

MORDOMIA DO TEMPO ENERGIAS E DINHEIRO

Ao iniciar-se um novo ano, os nossos pensamentos vão para Aquele de quem recebemos o maravilhoso dom da vida.

É ao Criador que devemos os anos que até aqui temos vivido, o palpitar do nosso coração, a circulação do nosso sangue, a manutenção das nossas forças, o exercício das nossas faculdades.

A Ele devemos também o incomparável dom da salvação, com as suas insondáveis profundezas de amor, de dedicado sacrifício, de gloriosa restauração, de imarcescível bem-aventurança.

Ao serem-nos outorgados esses dons fomos colocados em íntima relação com Deus. Com Ele ficámos ligados pelos laços de uma indestrutível gratidão e pelo contágio do Seu abnegado exemplo.

Ao criar-nos e redimir-nos Deus nos uniu a Si para uma vida de serviço. Nos colocou como Seus mordomos para empregarmos o tempo, as energias e o dinheiro que d'Ele temos recebido para a realização da Sua obra na Terra.

Com efeito, há uma obra extremamente importante a levar avante em nossos dias: a pregação do Evangelho a toda a nação, tribo, língua e povo, ao maior número possível de pessoas, enquanto não termina a economia da graça.

Para esse fim nos foi dado o tempo. Os dias, podemos mesmo dizer, as horas de que desfruta-

mos, apenas nos pertencem na qualidade de mordomos. O seu uso não devia ser limitado a objectivos egoístas ou desperdiçado na inacção ou em actividades inúteis. Foi-nos concedido para que o empreguemos, na medida em que o tivermos disponível, na finalização da Obra de Deus.

O mesmo podemos dizer das nossas energias. Em vez de as dissiparmos no pecado ou na satisfação de desejos egoístas, necessitam de ser canalizadas desde a juventude para o serviço do Mestre e de ser aproveitadas, na idade adulta e enquanto por algum tempo ainda delas dispomos, na realização do trabalho que até aqui descurámos.

Outrotanto se diria dos nossos recursos financeiros. Grande parte deles talvez tenham, no passado, sido perdulariamente mal gastos. Satanás, ou o nosso próprio eu, retivemos o dizimo que a Deus pertencia e as ofertas de gratidão e amor que lhe eram devidas. Chegou a altura de repararmos os erros pretéritos e de consagrarmos ao Senhor o que Lhe devemos como mordomos.

Que no início deste ano, ao compreendermos melhor a nossa relação de gerentes para com o nosso Proprietário, nos proponhamos fazer um mais correcto uso do nosso tempo, energias e dinheiro para a finalização da Obra de Deus em nossa geração.

E. Ferreira

MENSAGEM DO PRESIDENTE DA UNIÃO SUL-EUROPEIA

Prezados Irmãos e Irmãs em Jesus:

Hoje, primeiro dia do ano, reúnem-se em nossas igrejas os nossos irmãos e irmãs para oferecer ao Senhor o culto que Lhe é devido.

Este dia um de Janeiro assinala também o início de nossa nova União Sul-Europeia. De futuro, não se falará mais da União Portuguesa, da União Italiana, etc., mas da União Sul-Europeia, compreendendo todas as nossas igrejas da Espanha, Grécia, Israel, Itália e Portugal. Queremos neste dia unir os nossos irmãos e irmãs de todos estes países, membros de uma grande e bela família, num mesmo sentimento de reconhecimento e reconsagração a Deus.

Consideramos, minha esposa e eu, como um privilégio o servir-vos. Durante treze anos e meio vivemos na América latina e ficámos maravilhados com o espírito de iniciativa, o dinamismo, o fervor e o zelo missionário de nossos irmãos e irmãs de origem portuguesa, espanhola ou italiana, cidadãos desses países. Deus, temos disso a certeza, vai realizar, com o seu concurso verdadeiros milagres. Chegou para todos nós o momento de nos levantarmos, de agir e de intercedermos junto do Senhor a fim de que esses mesmos milagres se produzam igualmente nas terras de origem desses emigrantes: Espanha, Portugal, Itália, Grécia e mesmo Israel.

Desejamos pois consagrar-nos de novo a Deus, neste dia de jejum e de oração para todos os adventistas da União Sul-Europeia.

O despertar deve começar em nós mesmos, considerando-se cada um como estando sozinho perante Deus e pondo todas as coisas em ordem com Ele. Esse despertar deverá prosseguir em nossas lares, a fim de que neles reine um clima de compreensão recíproca e de amor profundo. Um esforço muito particular deve ser feito para que todos os membros de nossas famílias se convertam, e para que os que esfriaram ou se afastaram voltem a Deus.

O despertar deve em seguida continuar na igreja. As invejas, as críticas, a falta de confiança, os grupos, devem desaparecer. Urge que nossas igrejas sejam verdadeiras famílias espirituais em que saiba bem viver.

Depois voltar-nos-emos para o exterior e esforçar-nos-emos por realizar o imperativo missionário de Jesus: «Ide, pregai...»

É necessário que *evangelizemos* por todos os meios e em todo o tempo. Nos próximos cinco anos com a ajuda de Deus dobraremos o número dos membros de nossa União. Devemos também pôr tudo em acção a fim de adquirirmos a nossa independência financeira e de prescindirmos de todo o auxílio exterior. A situação económica do mundo é crítica. Já não podemos, devido à fraca situação do dólar, contar com as mesmas dotações do passado. A solução: «arregaçar as mangas e lançar-nos à conquista das almas».

E eis para o mês de Janeiro uma primeira tarefa que desejaria propor-vos: reuni os vossos conselhos de igreja, estabeleci a lista dos nomes e dos endereços de todos os nossos ex-irmãos e ex-irmãs, a lista de todos os que, desanimados, já não vêm à igreja. Em seguida, todos, pastores, oficiais e membros de igreja vamos visitá-los, felemos-lhes de amor, encorajemo-los a voltar. Centenas de irmãos e irmãs esfriados, irradiados, voltariam se tão somente fôssemos vê-los, lhes estendêssemos a mão e lhes disséssemos: «Volte, Jesus o ama e nós também». Esqueçamos o passado, não lhes lancemos em rosto as suas faltas, sigamos o exemplo de Cristo, abramos os nossos braços e recebamo-los.

É mais que tempo de entrarmos na Jerusalém celeste. A Irmã White declara: «Caso o desígnio de Deus houvesse sido executado por Seu povo no anunciar a mensagem de misericórdia ao mundo, Cristo teria vindo à terra, e os santos haveriam antes disto recebido as boas vindas na cidade de Deus.» — *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, pág. 82. Estou cansado desta terra. E vós? Unamos nossos esforços, pregadores, oficiais e membros de igreja, e apressemos a Sua volta.

Meus irmãos e minhas irmãs, neste primeiro dia do ano dirijamos a Deus nossas orações de gratidão e de amor e prometamos-Lhe seguir em todas as circunstâncias as pegadas de Jesus e tornar-nos Suas verdadeiras testemunhas.

(Continua na pág. 4)

A DIVISÃO EURO-AFRICANA

por JEAN ZURCHER

Como já foi anunciado, uma nova Divisão foi organizada por ocasião do Conselho do Outono, reunido em Washington no passado mês de Outubro. Ela compreende os territórios das Divisões Transmediterrânea e da Europa Central, com um total de 56 países, 28 dos quais na Europa e 28 em África, o que justifica perfeitamente o nome da nova organização: Divisão Euro-Africana. No fim do segundo trimestre de 1971, os territórios deste vasto campo totalizavam 183 122 membros, repartidos em 2 574 igrejas.

Esta nova Divisão funcionará oficialmente a partir de 1 de Janeiro de 1972. A sua sede é em Berne. Os responsáveis eleitos foram escolhidos entre os membros das duas Divisões dissolvidas. O Ir. C. L. Powers, presidente da Divisão Transmediterrânea, foi designado para presidir à nova organização, com a assistência do Ir. H. Vogel, vice-presidente. O Ir. Jean Zurcher continua como secretário geral, com o Ir. O. Bremer como associado. Quanto à tesouraria, foi confiada ao Ir. E. Amelung, assistido pelo Ir. S. L. Folkenberg.

Não apresentamos aqui a repartição dos diversos departamentos, cujos pormenores se encontram noutra local desta revista. Dizemos apenas que o número dos secretários de departamentos e de seus associados constitui uma situação excepcional e provisória. Era impossível unir assim duas Divisões, dum dia para o outro e fora de uma sessão regular da Conferência Geral, sem prever um período transitório, destinado a

permitir uma harmonização do trabalho e uma reclassificação do pessoal. É evidente que daqui até à próxima sessão mundial da Conferência Geral, prevista para Viena em 1975, a situação presente da Divisão Euro-Africana será normalizada.

Alguns perguntam, naturalmente, qual a razão para tais alterações. A organização da nossa Obra não foi estabelecida de uma vez para sempre? Não! Pelo contrário, ela deve saber adaptar-se às transformações constantes do Mundo em que vivemos. De acordo com as flutuações da política internacional e com os progressos da Obra no mundo, é necessário saber proceder às transformações que se imponham, quer ao nível das Conferências e das Uniões, quer ao nível das Divisões.

Ora, apesar dos abalos consideráveis por que passou a Europa desde a segunda guerra mundial, nenhuma mudança de maior ocorreu na organização da nossa Obra. É mesmo muito provável que nada de novo tivesse sido encarado ao nível das Divisões se os acontecimentos políticos que dividem a Alemanha, em particular, não tivessem constrangido a Conferência Geral a esta nova organização. Esta impôs-se-nos e tornou-se objecto de longas discussões, em consequência das quais os representantes das diversas Divisões europeias se puseram de acordo para criar o que se chamará agora a Divisão Euro-Africana.

Nós, que assistimos a todas as fases desta reorganização, cremos que o Senhor guiou os acontecimentos de maneira a realizar-se, em Sua Obra na Europa, uma unidade de organização e de trabalho apesar das separações políticas, dos antagonismos nacionais e dos interesses divergentes de nossos países. Graças a este reagrupamento, a organização da Igreja na Europa deveria rapidamente tornar-se uma base sólida e poderosa para ajudar, mais ainda do que no passado, a evangelização do Mundo, tanto por seus meios financeiros como pelo potencial humano de que dispomos.

Queríamos poder desejar longa vida à Divisão Euro-Africana. Infelizmente, sabemos que provavelmente isso não sucederá, pois estão em estudo planos para uma reorganização da Obra em África. Esta é urgente, por um lado, em virtude da evolução política do continente negro, e por outro,

MENSAGEM DO PRESIDENTE DA UNIÃO SUL-EUROPEIA

(Continuação da pág. 3)

Sabei que me sinto perto de todos vós, quer estejais em Israel ou em Tessalónica, nas ilhas de Cabo Verde, na Sardenha ou em Madrid. Apresento-vos os meus votos para que 1972 vos dê 366 dias de vitórias espirituais no Senhor.

Recebei, prezados irmãos e irmãs, minhas cordiais saudações em Jesus.

S. F. Monnier

Presidente da União Sul-Europa

em virtude do encorajador desenvolvimento da Obra de Deus. Certamente, será necessário continuar a apoiar esta com as nossas ofertas e com o envio dos nossos missionários, mas impõe-se cada vez mais uma organização independente da Europa. O mais tardar, em 1975, os países de expressão francesa de África, a maior parte dos quais permanecem ainda em nossa Divisão, serão agrupados numa nova Divisão africana autónoma, ao passo que a organização da Europa sofrerá provavelmente uma nova mutação ao nível da Divisão. Talvez se agrupem todos os países europeus numa só Divisão, realizando-se assim para a igreja remanescente a unidade que Deus previu impossível para as nações do continente, apesar de seus desesperados esforços. Suceda o que suceder, oxalá que esta

próxima etapa da organização da Obra, tanto em África como na Europa, seja a última antes da volta do Senhor. Jamais esqueçamos também que a organização da Obra de Deus, por importante que seja, não passe de um meio para harmonizar os esforços da Igreja em cada uma de suas unidades nacionais, a fim de lhe permitir que atinja o objectivo para o qual Deus a colocou no mundo: anunciar o Evangelho eterno, «aos que habitam sobre a terra, a toda a nação, e tribo, e língua e povo», para que sirva de «testemunho a todas as nações», e apareça Aquele cujo reino aguardamos. Maranatha!

Berne, 10 de Novembro de 1971.

Jean Zurcher, Secretário
Divisão Euro-Africana

Direcção da Divisão Euro-Africana

Presidente
Vice-Presidente
Secretário
Secretário Associado
Tesoureiro
Sub-Tesoureiro
Secretário de Campo
Verificador
Verificador Associado
Secretário do Departamento da Educação
Secretário do Departamento da Saúde
Secretário Associado do Departamento da Saúde
Secretário do Departamento das Actividades Leigas
Secretário Associado do Departamento das Actividades Leigas
Secretário da Associação Ministerial
Secretário Associado da Associação Ministerial
Secretário Associado da Associação Ministerial
Secretário do Departamento das Relações Públicas
Secretário do Departamento das Publicações
Secretário Associado do Departamento das Publicações
Secretário do Departamento da Liberdade Religiosa
Secretário do Departamento da Rádio e Televisão
Secretário Associado do Departamento da Rádio e Televisão
Secretário do Departamento da Escola Sabatina
Secretário Associado do Departamento da Escola Sabatina
Secretário do Departamento de Mordomia
Secretário do Departamento de Temperança
Secretário Associado do Departamento de Temperança
Secretário do Departamento de Produtos Alimentares
Secretário do Departamento dos Missionários Voluntários

C. L. Powers
H. Vogel
J. Zurcher
O. Bremer
E. Amelung
S. L. Folkenberg
O. Sladek
P. M. Knudsen
R. Kluting
E. E. White
Herbert Stoeger
Miss H. Witzig
St. Woysch
A. Codejón
H. Vogel
A. Schmidt
A. Strala
P. Lanarès
E. Naenny
H. Kaetzner
P. Lanarès
E. Kilian
R. Fasnacht
St. Woysch
A. Codejón
Leonard Ayers
Herbert Stoeger
Miss H. Witzig
E. Amelung
N. Bulzis

A ADMINISTRAÇÃO DA VIDA

por LEONARD L. AYERS

«Antes de poder compreender o assunto da mordomia, deves esquecer-te da necessidade que a igreja tem de dinheiro.»

Este foi o novo e estranho pensamento que aflorou à mente de um oficial da igreja ao se encontrar sentado no escritório de um secretário de mordomia. Para ele este assunto tinha sempre significado angariar dinheiro; na verdade, a razão desta visita era procurar dar assistência na resolução de problemas financeiros na igreja local. Mas se então a mordomia não significa meramente dar dinheiro, que significa então?

No seu sentido mais verdadeiro, a mordomia refere-se à administração da vida de um homem baseada numa relação de amor pessoal com Deus, o possuidor do universo. Isso inclui, sem reservas, tempo, talentos, bens materiais, e mesmo a própria vida de um mordomo. O homem possui todas estas coisas como depósito, e é responsável diante de Deus pela sua sábia administração. Para Deus, a mordomia devia tornar-se um rumo de vida tendente a prover uma recreação espiritual da caída família humana. Devia permitir ao homem o grande privilégio e a oportunidade de trabalhar com o Onnipotente, Omnisciente e Omnipresente Deus do universo. Por meio de tal relação, o homem receberia a garantia de segurança perfeita, facto esse baseado nas promessas de Deus — um Deus que pode controlar tudo o que nos rodeia, e é Senhor de todas as situações. Mais ainda, a mordomia deveria ensinar ao homem que a verdadeira felicidade é alcançada por meio de uma completa confiança, e uma dependência total do amoroso Pai Celestial.

O verdadeiro objectivo da mordomia tem sido sempre proporcionar uma relação com Deus que dê em resultado o reconhecimento do homem do direito de propriedade de Deus. Já quando Adão se encontrava no jardim do Eden, Deus salientou este princípio. Depois da terra ser criada, e tudo o que nela havia, Adão recebeu o domínio sobre todas as coisas. Foi colocado no paraíso terreno como representante de Deus — o Seu mordomo. O homem não se tornou porém proprietário do mundo e de tudo o que nele há mas apenas seu depositário. Todas as coisas foram criadas para serem desfrutadas por ele, tornando-se por elas responsáveis. Havia contudo uma ex-

cepção, que consistia na árvore da Ciência do Bem e do Mal. Adão não possuía segurança eterna — tinha de demonstrar a sua aliança com Deus, e a sua aptidão para a vida eterna. Por meio da árvore da Ciência do Bem e do Mal, o homem devia ser ensinado a respeitar e a reconhecer o direito de propriedade de Deus. Quando Adão comeu do fruto da árvore proibida, transferiu a sua aliança para Satanás e uniu-se aos rebeldes contra o governo celestial. Consequentemente, deixou de ser um candidato digno de confiança para a vida eterna, e Deus foi obrigado a proibi-lo de se aproximar da árvore de vida.

Deve ser claro que no começo a mordomia não estava relacionada com a pregação do evangelho, ou com a construção de igrejas. No Eden, Deus tinha um contacto constante e visível com os nossos primeiros pais, mas após a introdução do pecado este contacto visível tornou-se impossível. Contudo, Deus não esqueceu a humanidade caída, mas tornou-a participante do plano da salvação. Dessa maneira Deus voltaria a re-crear à Sua imagem o homem, e continuaria a desfrutar de uma experiência diária com o Seu povo. Como canal da graça de Deus e das bênçãos materiais para este mundo, o homem é responsável pelas necessidades físicas da igreja que tem como missão a pregação do evangelho. Deus, o Proprietário, dá tudo o que é necessário, e o homem, como administrador, torna-se Seu agente. Assim os mantimentos da Sua benevolência continuam a fluir, e o Céu proverá para que tal experiência nunca deixe de existir. Nunca foi o único objectivo da mordomia prover às necessidades materiais da igreja — esse foi apenas o meio que Deus escolheu para manter a igreja com o Seu dinheiro — o que devia ser feito por meio de uma mordomia fiel. O verdadeiro objectivo da mordomia tem sido sempre proporcionar uma relação com Deus que reconheça o princípio proprietário-administrador.

Israel recebeu uma instrução específica por duas razões: (1) Para garantir que nunca perdessem o seu sentimento de dependência de Deus, e (2) Impedi-los de se esquecerem da sua relação divinamente ordenada com o Mantenedor de tudo.

(Continua na pág. 19)

A INSEGURANÇA, COMPANHEIRA INDESEJÁVEL

«E, respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e agitada com muitas coisas.»

(S. Lucas 10:41.)

Desde o instante em que Eva, acedendo ao convite do demónio, comeu o fruto proibido, a insegurança tornou-se a companheira indesejável de cada ser humano. Satanás prometera aos nossos primeiros pais que seriam como deuses, conhecendo o bem e o mal. Infelizmente, a insegurança é um dos elementos deste saber adquirido pelo seu acto de rebelião. Se eles se tivessem contentado com o conhecimento do bem, teriam conhecido uma eterna segurança, tanto económica como social. Era esse o plano de Deus a seu respeito.

Para a maior parte de nós a única certeza é a incerteza. A incerteza que não conhece qualquer fronteira, seja ela nacional, racial, social ou de fortuna. Desde que o homem atinge a idade em que se torna cónscio das suas necessidades essenciais, alimentação, vestuário e abrigo, ele teme o instante em que disso será privado e este temor gera a insegurança. É um sentimento que, qual verme roedor, se insinua na consciência e influi nos pensamentos e acções do homem ao longo de toda a sua vida.

Um estranho fenómeno acompanha este temor. Quanto mais forte é esse sentimento, mais o egoísmo se apodera dos objectos que simbolizam a segurança. Todavia, por mais estranho que isso possa parecer, é então que os meios que asseguram a segurança estão paralisados.

A vida consiste em receber e dar. O regato que desce o vale a cantar recebe a sua água cristalina da neve que se funde. Por sua vez, ele dá a sua água ao rio que a leva ao oceano. Finalmente fecha-se o ciclo quando a água é devolvida à montanha sob a forma de neve ou de chuva. Se o regato guardasse a sua água, a sua nascente secaria e ele seria transformado numa sucessão de charcos estagnados. O mesmo acontece quando um homem ou uma mulher egoísta retêm o que receberam dos seus semelhantes.

Este princípio foi ilustrado numa pequena cidade dos Estados Unidos cuja economia dependia essencialmente da explo-

ração florestal. Durante cerca de três meses, cada inverno, as operações de abateamento tornavam-se mais vagarosas. Todavia, enquanto que as intempéries não afectavam as serrações que dispunham de importantes reservas de madeira, os proprietários destas suspendiam os seus pagamentos. Invocando como desculpa a estação, interrompiam a circulação de moeda na comunidade e dificultavam a vida a toda a gente: operários, comerciantes e profissões liberais.

Parecia estranho que numa região economicamente sã uma depressão artificial pudesse ser provocada tão facilmente por menos de uma dúzia de homens. Na realidade a sua verdadeira razão era simplesmente uma incerteza acerca do futuro: possibilidade de breve prolongação do mau tempo ou flutuação imprevista do mercado, que poderiam devorar as suas reservas. Assim, o temor de um futuro incerto provocava uma crise anual em centenas de lares.

Qualquer que seja a razão, qualquer que seja o problema, o dinheiro afecta milhões de pessoas e desempenha um papel importante no seu sentimento de segurança. Um homem teme não encontrar emprego, outro receia perder o seu. Um outro ainda economiza mas não sabe o que fazer às suas economias. Se as esconde em casa, o fogo pode destruí-las, ou os ladrões tirar-lhas; se as investe, pode perdê-las; se as confia a um banco, uma depressão pode, também, desapossá-lo.

A tudo isto junta-se um outro factor que escapa a toda a explicação lógica: o sentimento de insegurança cresce com a idade. O indivíduo torna-se então cada vez mais egoísta, cada vez mais ávido e acumula bens que lhe é impossível desfrutar, mas que ele crê que são indispensáveis à sua segurança.

Um homem consideravelmente rico chegava aos últimos anos da sua vida. Alguns anos antes ele adquirira uma propriedade sobre que tencionava especular. Para sua grande consternação a terra perdera o seu valor e já não tinha senão metade do valor do preço de compra. Tratava este homem que se encontrava confinado ao leito um médico recentemente instalado na comu-

nidade. Dia após dia, quando o médico o visitava, o doente procurava vender-lhe a sua propriedade. Por mais incrível que pareça, um dos últimos actos conscientes deste homem foi tentar transformar em benefício um mau investimento, embora tivesse dinheiro suficiente para prover às suas necessidades durante anos. Menos de vinte e quatro horas antes de morrer, ele mobilizou as suas últimas energias e, num esforço derradeiro, procurou levar a bom termo a transacção. O seu sentimento de insegurança privou-o de uma morte serena. Precisava de amontoar um pouco antes de expirar.

Será este um exemplo extremo? Seria difícil encontrar hoje, mesmo entre os cristãos, um homem livre de todo o sentimento de insegurança. Os pobres inquietam-se com receio de não ter o suficiente, os ricos querem ainda mais ou temem perder o que têm.

No princípio, Deus tinha provido à satisfação das nossas necessidades materiais com uma abundância tal que nunca teríamos conhecido a insegurança. Mas, quando Adão pecou, ele renunciou a esta segurança divina. A seguir, Deus ofereceu-nos um plano de redenção. Não proveu Ele algo que diga respeito aos nossos cuidados materiais? Está o homem condenado a viver a sua breve vida atormentado por um sentimento de insegurança? Seria isso um castigo suplementar pelo seu pecado?

A resposta é não! Deus amou de tal maneira os Seus filhos transviados que deu o Seu Filho Único a fim de os trazer novamente ao seio da Família Celestial. Do mesmo modo que um pai não poderia suportar ver os seus filhos ansiosos acerca das suas necessidades quotidianas, um Deus amante não poderia ser testemunha de um mundo onde dolorosas criaturas se desolariam num incessante estado de mórbida inquietação, do berço à tumba. Jesus dizia: «Não andeis pois inquietos, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos vestiremos? ... De certo vosso Pai Celestial bem sabe que necessitais de todas estas coisas.» (S. Mat. 6:31-32).

No plano da salvação, Deus proveu uma espécie de «Seguro Social» que, bem compreendido e aplicado, deve garantir ao homem os elementos essenciais à sua vida: alimentação, vestuário e abrigo. Isso não quer dizer que se assegura a cada pessoa prosperidade segundo os padrões do mundo, embora essa fosse a intenção de Deus tanto para o novo como para o antigo Israel.

É preciso ser capaz de assumir a prosperidade. Ela pode ser uma cilada. O próprio Salomão não foi bastante sábio e não

soube enfrentar os perigos da fortuna. Assim, Deus confia a cada ser humano aquilo que ele é capaz de administrar sãbiamente e provê cada um dos Seus filhos com os elementos indispensáveis à sua vida material. Isso deve ser suficiente: «Contentando-vos com o que tendes; porque Ele disse: Não te deixarei, nem te desampararei.» (Heb. 13:5.)

Assim, Deus quer que os homens estejam calmos e confiantes quaisquer que sejam as circunstâncias. Deseja que coloquem n'Ele a sua confiança, que vivam sob a Sua direcção, conhecendo as Suas intenções que não visam senão o interesse das Suas criaturas. Quer que considerem cada experiência da sua vida como mais um passo em direcção à felicidade eterna.

Como estaremos nós satisfeitos num mundo de insatisfação? Como poderemos nós sentir-nos ao abrigo num mundo onde a insegurança política, financeira e mesmo geológica conspiram para nos tornar inseguros? Para melhor compreendermos o plano de Deus a nosso respeito na sociedade contemporânea, precisamos de recuar até ao alvor da história para aí descobrir o plano original de Deus.

Melvin E. Rees



Há três espécies de doadores — a pederneira, a esponja e o favo de mel.

Para obter algo da pederneira, tem de se lhe dar com o martelo e então obtêm-se algumas lascas e chispas.

Para obter água de uma esponja, tem de se espremer, e quanto mais se espreme, mais se obtém.

Mas o favo de mel simplesmente derrama a sua própria doçura.

Algumas pessoas não retraídas e difíceis: não dão nada, se puderem deixar de dar.

Outras têm bom feitio: submetem-se à pressão, e quanto maior for a pressão, mais dão.

Algumas poucas deleitam-se em dar, sem que absolutamente seja necessário pedir-se-lhes; e dessas diz a Bíblia: «O Senhor ama ao que dá com alegria.»

De Outlook



A FÉ DE JÚLIA É RECOMPENSADA

Rafael era um menino de três anos, louro, que estava doente de pneumonia. O médico depois de o examinar pensou que seria quase impossível curá-lo.

Júlia trabalhava na casa de Rafael e todas as noites costumava aconchegar a roupa do Rafael antes de ele dormir. Certa noite a mãe de Rafael entrou enquanto ela ainda ali se encontrava, e com lágrimas nos olhos disse:

«Creio que vou perder o meu filhinho».

«Não, não, certamente que alguma coisa poderá ainda ser feita.»

«O médico acaba de dizer que tudo o que se podia fazer está feito.»

Naquele momento a cozinheira entrou e anunciou que a mãe tinha o jantar pronto. Durante duas semanas tinha partilhado com ela a vigília constante à cabeceira do doentinho.

Naquele momento a Júlia fez um pedido: «Por favor deixem-me ficar à cabeceira do Rafael.»

A mãe do menino acedeu e acrescentou: «Talvez até consiga que ele coma um pouco de ovo e sumo de uva. Se notar a mais pequena alteração, chame-me imediatamente, sim?»

«Rafael, conhece-me?» perguntou meigamente a Júlia. O doentinho não podia falar mas disse que sim com a cabeça.

«Enquanto há vida, há esperança», pensou a Júlia. Então ajoelhou-se e pediu a Deus que poupasse o Rafael. Ela sabia que a criança necessitava de se alimentar. Durante aqueles dias ele não ingerira mais do que um ovo e sumo de uva. Agora até isso rejeitava. Foi então que Júlia teve uma ideia, ir buscar o biberão do Henriquinho e enchê-lo de leite quente. Até ali o Rafael tinha sempre recusado beber leite.

«Olhe, Rafael, tome o biberão do Henriquinho. Beba um pouco de leite enquanto eu seguro. Amanhã já vai ficar bom e poder brincar outra vez — que bom, não é?» O menino abanou a cabeça afirmativamente. «Beba um bocadinho mais, e depois já vai poder dormir,» disse a Júlia.

Momentos depois a mãe de Rafael entrou em bicos de pés no quarto e encontrou o menino a dormir, pela primeira vez numa semana. Sentiu um suor frio na testa e estremeceu. «Oh, Júlia, que fez ao menino?» Chamou imediatamente o marido e este o médico.

«Que milagre é este?» perguntou o Dr. Santos, depois de examinar a criança. «Já não tem febre; o sono dele é normal.» E voltando-se para Júlia, perguntou: «Que é que a menina lhe fez?»

Ela não teve medo de responder. «Orei a Deus para que o curasse,» respondeu, «para que Ele o restituisse à sua mãe, pois é uma criança tão bonita. Ela também o ama, e ficaria muito triste se o menino morresse. Dei-lhe algum leite, cerca de dois decilitros, e lavei-lhe a face quente e as mãos. Disse-lhe para dormir, porque amanhã já estaria bom outra vez. O biberão está debaixo da almofada; por favor não lho tirem. Ele vai ficar bom.»

O médico olhou para aquela menina de treze anos admirado. «Sim, ele vai ficar melhor, e vai restabelecer-se.»

«Oh, Júlia, salvaste a vida do meu menino», exclamou a mãe de Rafael, tomando a trémula Júlia nos braços.

«Eu não fiz nada — apenas gosto muito dele. Deus é que salvou o seu filho.»

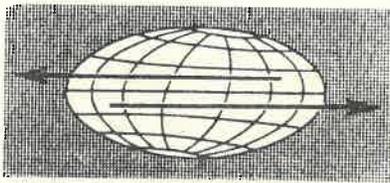
A fé da menina mudou as coisas e trouxe de novo a alegria àquele lar.

Ernest Lloyd

Um céptico, falando certa vez acerca da Bíblia, disse que era impossível, nestes dias, acreditar num livro de que não se conhece o autor.

Um cristão, que se achava ali, perguntou-lhe se conhecia o nome do autor da Tabuada. «Não», responde ele. «Pois então», disse-lhe o cristão, «já se vê que o senhor não acredita nela.» «Ah, sim, acredito, porque é útil e dá resultado.» «Também a Bíblia», respondeu o crente; e o céptico calou-se.

Autor desconhecido



ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

Missão 73

Após a *Missão 72*, que deve mobilizar este ano todos os adventistas e todas as igrejas da América do Norte em vista da salvação das almas, *Missão 73* foi adoptada pelas Divisões Europeias. Os presidentes e vários secretários departamentais destas Divisões reuniram-se recentemente em Freudenstadt, na Alemanha, e decidiram lançar na Europa um programa de evangelização comparável ao que se realizará este ano na América do Norte. *Missão 72* comporta campanhas de evangelização que começarão simultaneamente no próximo dia 4 de Março, à noite.

J. Cazeaux

O Primeiro Congresso Europeu de «Tabaco e Saúde»

O primeiro Congresso Europeu de «Tabaco e Saúde» realizou-se de 6 a 9 de Setembro em Bad Homburg, perto de Frankfurt, na Alemanha Ocidental. Organizado pela Associação Internacional de Temperança, este colóquio foi dirigido pelo Ir.

cadores, psicólogos, jornalistas, na sua maior parte não-adventistas, vindos de 20 países europeus. As 60 comunicações trataram não só dos diversos perigos do tabaco mas também das atmosferas de fumo (perigosas para o não-fumador presente, para a criança e o feto), da prevenção e do tratamento. O Congresso terminou votando um certo número de recomendações dirigidas aos governos para uma tomada de consciência e uma acção antitabagista. Entre os participantes encontravam-se o Ir. Steed, secretário mundial do Departamento da Temperança, e o Dr. McFarland, autor do Plano dos 5 Dias. Durante este Congresso, 300 pessoas participaram de um Plano de 5 Dias e 91 % dentre elas deixaram de fumar.

F. Augendre

A Igreja Adventista em Cuba

Mais de 7.000 irmãos formam a comunidade adventista na chamada Pérola do Caribe. Os maiores grupos adventistas encontram-se em Havana e na provín-

40 têm edifícios sólidos e adequados. Em algumas igrejas é tão grande a frequência que se realiza um programa duplo aos Sábados.

Carlos A. Trezza

Convenção de publicações na Suécia

No passado mês de Agosto de 16 a 22, teve lugar em Jonkoping, a maior Convenção de Publicações na Europa. O objectivo desta magna reunião foi:

«ILUMINAR O MUNDO COM AS NOSSAS PUBLICAÇÕES»

No decurso destes cinco últimos anos foram baptizados 42 677 almas, como resultados directos do trabalho de Colportagem.

Para o período que nos leva até 1975 foi fixado como alvo para o Campo Mundial 60 000 a 75 000 almas.

É feito um apelo a cada membro de nossas Igrejas para que comprem e leiam os livros e revistas que vão sendo editados.

O tempo é breve, a tarefa é imensa e os Obreiros são poucos. Contudo, milhares de almas esperam e aguardam que se lhes anuncie a «Bem-aventurada Esperança» de um Salvador crucificado, ressuscitado e que em breve virá.

Duplicuemos e tripliquemos os nossos esforços para terminar a Obra do Senhor enquanto é dia.

Samuel Reis

«A Igreja Adventista Provisória» de Shabunda

Em 1969, um magistrado congolês, antigo aluno do curso da Voz da Esperança, assistiu às conferências do Ir. Sofranac, em Bukavu, capital da província do Kivu. Decidiu em seguida ir pregar na sua aldeia aos membros de uma igreja protestante ali estabelecida, em Shabunda, desde 1928. Suscitou tal interesse que 4.000 congolezes declararam pertencer a partir de então à «Igreja Adventista Provisória». Enviaram à sede da Missão local 17 delegados que percorreram 1700 quilómetros a pé. Um ano mais tarde, o Ir. Sofranac introduziu na Igreja, pelo baptismo, 200 pessoas desta região.

E. W. Pederson



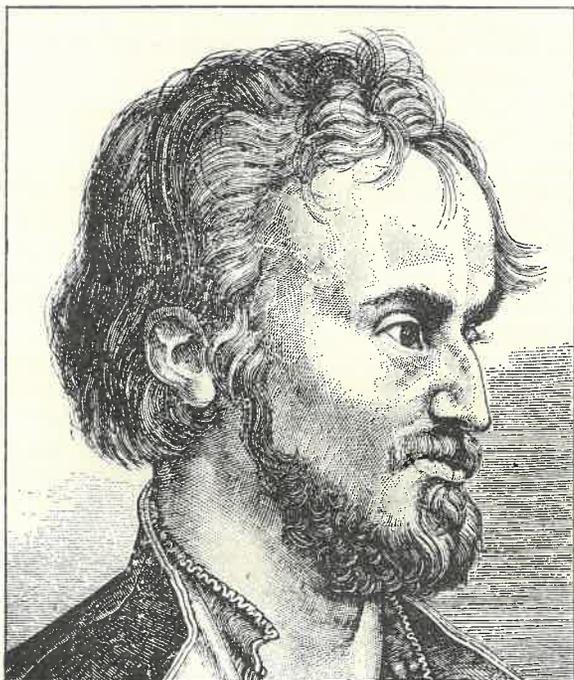
Da esquerda para a direita: Dr. Ganda, OMS; Dr. Woeber; Dr. Fletcher, professor do Colégio Real de Medicina, de Londres; D. Scalliet e Ph. Augendre, secretários da Temperança; Dr. Luther Terry, antigo ministro da Saúde dos E.U., presidente de honra do Congresso; Dr. J. Pinet; J. Rimoldi e S. Meyer; P. Steiner

Woeber, doutor em medicina e professor em Aix-la-Chapelle, sob a presidência de honra do Dr. Luther Terry, ex-ministro da Saúde dos Estados Unidos e autor do célebre relatório sobre os perigos do tabaco. Assistiram ao Congresso 300 delegados médicos, investigadores, sábios, edu-

cia de Oriente. Há uns 120 ministros e outros obreiros empregados na obra evangélica que atendem a mais de 70 igrejas e realizam tarefas administrativas. Os baptismos são presenciados por grande número de pessoas, muitas das quais estudam a Palavra de Deus. Das 70 igrejas,

A REFORMA INACABADA — FILIPE MELANCHTON

por MANUEL LARANJEIRA



Este é o primeiro de três artigos da autoria do Pastor Manuel Laranjeira, director do trabalho adventista nos Açores, sobre a figura de Filipe Melanchton, um dos mais notáveis expoentes da Reforma.

A ÉPOCA

Foi a Idade Média um dos mais obscuros períodos de toda a história humana. Época de ignorância e intolerância, mas que felizmente para toda a Civilização teve o seu toque de finados. Depois das trevas, apresenta-se a luz; após o proibido e o implacável da Inquisição, abre-se uma época de liberdade e de investigação.

A Escolástica tinha a seu cargo todo o ensino na Europa ocidental. As escolas não eram laicas, mas sujeitas à autoridade eclesiástica. Na devida altura, operou-se uma transformação. A Idade Média deu lugar à Renascença. Conforme o nome indica, uma «nova nascença» se produziu. Com efeito, o mundo nasce de novo. É verdadeiramente o período do movimento intelectual e artístico que se estende por toda a Europa com ideias e formas novas.

É o desabrochar em todos os domínios: científico, religioso, artístico e literário. Ressurgem as obras primas do pensamento e da arte antigas quase esquecidas durante o período anterior. O despertar do espírito científico é a consequência mais profunda da Renascença. Com a influência do Humanismo, os mestres do pensamento antigo são agora estudados livremente. Os clássicos gregos e latinos são agora lidos nas suas línguas originais.

A Renascença foi verdadeiramente uma época notável. É agora que aparecem os grandes músicos, os grandes pintores e escultores, os grandes humanistas. Todavia, estes homens versados no conhecimento da literatura e das línguas antigas, imbuídos do prazer de ler os textos no original, veriam o seu trabalho dificultado se não tivessem a tipografia para imprimir as suas obras. Mas providencialmente em Mogúncia Guttenberg inventa a arte de imprimir com caracteres móveis.

Esta invenção possibilitou o progresso no estudo da Bíblia e da Teologia. Os humanistas debruçaram-se sobre os manuscritos e imprimiram-nos com uma vontade cada vez maior. E, ao estudar os manuscritos da Bíblia e dos Padres da Igreja, cedo verificaram quanto esta se tinha afastado das origens.

Vemos então um Homem chamado Lutero, que apesar de monge reconhece os desvios da Igreja. Relaciona os manuscritos e os livros antigos com a estrutura actual dos ensinamentos da Igreja. Sabendo que ela se tinha afastado do espírito dos apóstolos, Lutero procurou mostrar aos católicos a sua falsa posição e reformá-los no seio da sua própria Igreja. Mas, como diz Bossuet, «A Igreja nunca muda», e Lutero foi obrigado, contra sua vontade, a apartar-se e a receber a excomunhão enviada pelo papa.

Formou-se então um movimento religioso que alienou da obediência romana metade da Europa ocidental e deu lugar ao nascimento das Igrejas protestantes. Esta Reforma fora preparada já desde o fim da Idade Média, pela convicção da necessidade de uma reforma no seu chefe, nos seus membros, na fé e nos costumes.

Roma tinha introduzido no Cristianismo uma grande proporção de teorias pagãs e de doutrinas judaicas, e era imperativo regressar à pureza primitiva e submeter as decisões e tradições eclesiásticas ao controle da Sagrada Escritura.

Na Reforma, de que Lutero era o chefe, havia necessidade de homens de talento, de teólogos, mas sobretudo de humanistas. Lutero encontrou um pouco de apoio em Erasmo, humanista excelente mas medroso. Tinha horror ao cisma e então quedou-se entre os católicos e os reformados, sem todavia tomar uma posição.

Mas os grandes homens nascem nos grandes momentos. Assim aconteceu com Filipe Melanchton, que foi um extraordinário humanista, aceitou a causa da Reforma e se ligou com uma profunda amizade a Lutero, de quem se tornou o braço direito e principal auxiliar. Ele nas bibliotecas das universidades da Alemanha encontra os textos, estuda-os, e compõe obras teológicas e a Confissão de Augsburgo — tudo para servir tanto Lutero como a Reforma.

Lutero, sozinho, não podia lutar contra a Igreja secular. Wittenberg teria sido esmagada por Roma. Mas homens sábios e devotados à causa aparecem. Lutero e Melanchton fizeram uma obra notável, da qual ainda hoje gozamos os benefícios.

A Reforma do século XVI vingou porque chegou no tempo oportuno, nem antes nem depois. Só agora é que a Europa ocidental estava verdadeiramente amadurecida. Os esforços de Wyclif, na Inglaterra, e de João Huss, na Boémia, na sua ânsia de trazer o povo de retorno à Bíblia, não tiveram o êxito que estes pre-reformadores desejavam. Eles pagaram com a vida tão grande empreendimento. O campo estava ainda imaturo. A saturação ainda não tinha chegado, mas os seus esforços não foram em vão. As machadadas dadas na árvore secular, embora um pouco a distância, produziram os seus benéficos efeitos.

Agora era o tempo. A Alemanha asfixiava debaixo da tutela de Roma. As obrigações eram muitas e os privilégios nenhuns. Este mal-estar estende-se por toda a Europa ocidental e quando os «soldados da Palavra» da Germânia começaram a luta, o seu exército foi reforçado com a adesão de outros elementos vindos de outros países, onde também havia a ânsia da Liberdade, mas pouco ou nada podiam fazer para a impor e depois manter.

Agora sim. É um estado de alma colectivo. A consciência católica estava enfraquecida, não havia unidade de Fé nem confiança nos ensinamentos da Igreja. As convicções doutrinárias eram tantas quantos os seus mestres. Perdeu-se a confiança no governo

da Igreja. Os partidários da superioridade conciliar atacavam a autoridade pontifícia e os papas estavam desacreditados pelos seus costumes demasiado livres e pelos abusos que praticavam. Agora, sim, a hora da emancipação religiosa chegou.

O HOMEM

Filipe Melanchton nasceu em Bretten, no Palatinado, a 14 de Fevereiro de 1497. O pai, Jorge Schwarzerd, era um hábil armeiro, muito recto e íntegro. A mãe tinha um carácter terno e era honesta e prudente, mas um pouco mística. Três dias antes de morrer, seu pai, que também era um fervoroso cristão, fez este voto para os seus filhos: «Que vivam na verdadeira Igreja; que sejam um em Cristo e muito unidos entre si; e que venham a herdar a vida eterna.»

A verdadeira educação recebeu-a Filipe em sua casa; mas foi na escola da vila que começou a sua instrução. Depois estudou em Pforzeim. Contou sempre com bons mestres, tais como Hungarus e Reuchlin, que muito o auxiliaram no desabrochar dos seus dotes naturais de inteligência. Com 12 anos entrou para a Universidade de Heidelberg, e era bacharel aos 14. Estudou em Tubinga, onde todas as correntes de ensino eram para ele bem-vindas. Dedicava-se à Teologia e às línguas antigas com entusiasmo sempre crescente. Admirado pelos mestres, era também respeitado pelos alunos.

Na igreja, enquanto se lia o manual das orações, ele lia um volume que trazia sempre consigo, a Santa Escritura. Esta era o seu mestre por excelência. E por tanto o ter lido e examinado, um dia exclamou: «Estremeço, quando penso na adoração que eu prestava às estátuas no tempo em que pertencia ainda ao papismo.»

Com 17 anos de idade, em 1514, recebeu o grau de doutor em filosofia e começou agora o seu trabalho de professor.

Em 25 de Agosto de 1518 e com 22 anos de idade, é colocado como professor de Hebraico e Grego na Universidade de Wittenberg. Aqui foi recebido com uma certa frieza por parte dos seus colegas. O seu físico não impressionava muito e era de baixa estatura e bastante tímido. Mas todos ficaram rendidos no seu discurso inaugural. Os corações ficaram cheios de alegria e admiração quando ele tratou da regeneração dos estudos, no mais puro latim e tomando como fundamento a Palavra de Deus.

Lutero estava presente e sentiu-se inspirado. Compreendeu desde logo que a Universidade, mas sobretudo a causa da Refor-

ma, tinham ganho um sábio cujo olhar penetrava tão profundamente na verdade. Assim se encontram Melanchton e Lutero. Começam a conhecer-se e, com o decorrer do tempo, a sua mútua estima e afeição aumentam. Eles serão amigos até à morte. A bondade de Deus quis reunir dois homens bastante diferentes mas tão necessários um ao outro. Lutero era ardente, forte, impetuoso; Melanchton era, em contrapartida, sereno, afável e prudente. Lutero incentivava a Melanchton e este era o moderador de Lutero.

Um fosso enorme foi aberto entre as duas Igrejas—a nascente e a secular. Roma implacável, em vez de procurar mostrar a Lutero o seu erro à luz da Revelação, o que era impossível, limitou-se a excomungá-lo. Ora, devido a isto e a viagens que o Reformador tinha que fazer a outras terras para defender a verdade, uma grande parte da responsabilidade da Reforma recaiu sobre o fraco corpo de Melanchton.

Esta grande obra de renovação espiritual, religiosa e teológica, alcançaria uma muito maior expansão e profundidade. Quando a bula papal, que excomungou Lutero, foi divulgada, Melanchton colocou-se sem hesitar, pública e abertamente, ao lado do Reformador. Trabalhava duplamente na obra da Reforma, pelo seu ensino na universidade e pelos conselhos que lhe eram pedidos. Alguns teólogos de Paris atacaram violentamente e condenaram Lutero, e a resposta do Dr. Filipe foi esta: «Vede, leitores cristãos, que teológicas bestas ferozes produz esta parte do mundo chamada Europa!»

Todavia Melanchton enfraquecia debaixo do peso da tarefa, que devia realizar na ausência de Lutero. Tinha muita necessidade de encorajamento e conforto. Eram as cartas que escrevia o Reformador que davam ânimo àquele que se sentia como um órfão na sua labuta. Apesar de segregado, Lutero sabe que necessita não tanto de ser confortado como de confortar, e escreve ao seu caro Filipe: «Antes de tudo eu oro por ti, e se a minha oração, da qual eu não duvido, tem alguma eficácia, faze o mesmo. Nós queremos levar juntos o fardo. Estamos ainda sós no combate. Depois de mim és tu que o carregará.» Mas os olhares de Melanchton vagueavam até onde se encontrava Lutero e esperava o seu regresso com extrema impaciência.

Grande era o ódio nutrido pelos inimigos da Reforma. Este ódio foi ainda aumentado devido à Guerra dos Camponeses, em 1524, começada na Suábia e vertiginosamente espalhada por toda a Alemanha. Era

uma guerra contra a Igreja secular e os poderes constituídos. A Bíblia trazia-lhes a liberdade em Cristo, mas como durante anos tinham vivido do trabalho, que apenas servira para tornar ainda mais rico o seu senhor, julgaram que também para eles tinha chegado o dia da emancipação. Pegam em armas e semeiam por algum tempo o fogo e o sangue. Foram derrotados em todas as frentes e muitos deles foram castigados impiedosamente pelos príncipes.

Durante o conflito, Melanchton é pretendido para se dirigir aos lugares onde a luta estava mais acesa. Não pode ir, mas por escrito aconselha os revoltosos a que se sujeitem às autoridades. Aos príncipes suplica que se tornem misericordiosos. Ele escreve: «As autoridades devem estar atentas para que a Palavra de Deus seja fielmente pregada e as ordens eclesiásticas que a isso se opõem sejam modificadas. Assim Deus espalhará a paz e a prosperidade sobre os seus governos.»

Foi o eleitor Frederico da Saxónia aquele que se revelou mais magnânimo e viu neste infausto acontecimento o dedo de Deus, e desta forma escreve ao seu irmão João: «Talvez o que deu lugar a que estas pobres pessoas se tenham revoltado tenha sido a interdição da Palavra de Deus. Os pobres têm sido oprimidos por nós, autoridades espirituais e temporais. Que Deus desvie a Sua cólera de nós.» Por isso a história lhe deu o cognome de Sábio.



«Nessa ocasião, em que Lutero tanto necessitava da simpatia e conselho de um verdadeiro amigo, a providência de Deus enviou Melanchton a Wittenberg. Jovem, modesto e tímido nas maneiras, o são discernimento de Melanchton, seu extenso saber e convincente eloquência, combinados com a pureza e rectidão de carácter, conquistaram admiração e estima gerais. O brilho de seus talentos não era mais assinalado do que a gentileza de suas maneiras. Logo se tornou um fervoroso discípulo do Evangelho, o amigo de mais confiança e valioso apoio para Lutero, servindo sua brandura, prudência e exactidão de complemento à coragem e energia daquela. Sua cooperação na obra acrescentou força à Reforma, e foi uma fonte de grande animação para Lutero.» — O Conflito dos Séculos, pág. 141.

PÁGINA DOS JOVENS



1972 - ANO DO «CAMPOREE» DOS JUVENIS

- Serão 500, vindo de todos os países europeus da nossa Divisão.
- A sua divisa é «O amor de Cristo nos constringe».

Já ouvistes sem dúvida rumores acerca do futuro «camporee» dos juvenis, e certamente gostareis de estar um pouco melhor informados sobre este acontecimento. Eis portanto algumas notícias oficiais e precisas que temos o prazer de vos comunicar.

Já decorreram dez anos desde o primeiro «Camporee» M. V. que teve lugar em França, nos Aresquiers, em 1961! Estais certamente de acordo que já era tempo de organizar outro! É por isso que este ano 500 jovens entre os 12 e os 16 anos, oriundos de todos os países da Europa pertencentes à nossa Divisão, se reunirão na Austria de 19 a 30 de Julho no vasto parque de campismo «Techuana» — que quer dizer pureza em indu.

A apenas alguns quilómetros de Villach, uma pequena cidade da Caríntia, este parque está rodeado de belas montanhas e bosques. Inundado de sol e completamente isolado do barulho das cidades e do mundo, constitui um verdadeiro oásis de paz e de recreação. É um lugar ideal para reunir a juventude. Com instalações sanitárias, água corrente, lavabos, campos para a prática do desporto, um local apropriado para a fogueira de acampamento, possui todas as comodidades. Quanto às possibilidades de distração, nesse capítulo podemos dizer que são numerosas: excursões às montanhas, às matas circunvizinhas; passeios de barco pelos lagos de Faaker e Wörther, etc. Não faltarão ainda ocasiões para adquirir muitos conhecimentos de ordem prática. Todavia, o que se oferece como maior atractivo, é o facto de os nossos jovens passarem uma dezena de dias em estreito contacto,

não só com a natureza, como também com os juvenis estrangeiros, que contudo tão próximos estão pela fé comum que professam; além disso poderão desenvolver a sua vida espiritual e fazer uma experiência pessoal com Cristo.

Os secretários M. V. das diferentes Uniões já escolheram a divisa do «camporee»: «O amor de Cristo nos constringe». Também nós a achamos apropriada, porque hoje, mais do que nunca, devemos prosseguir para a vitória que o Senhor nos prometeu. Ficareis certamente contentes em saber que temos em mente levar a efeito uma reunião de evangelização em Villach, organizada pelos juvenis. Esta manifestação incluirá música instrumental, cânticos, uma curta mensagem espiritual, testemunhos, e será encerrada com a distribuição de boletins de inscrição nos cursos bíblicos por correspondência e de folhetos diversos.

Esperamos ainda ter uma cerimónia baptismal no intuito de animar desde já dezenas e dezenas de juvenis a fazerem o seu pacto com o Senhor. Consequentemente, pedimos a todos os pastores que ministrem aos jovens susceptíveis de ser baptizados, a preparação habitual nas suas igrejas. Ao regressarem, os neófitos poderão receber boas-vindas especiais no seio das suas comunidades respectivas, bem como o respectivo certificado de baptismo.

No último sábado do «camporee» os secretários M. V. que forem pastores consagrados baptizarão os juvenis dos seus países respectivos. Espera-se portanto que após terem consultado o conselho de igreja, os pastores recomendem os jovens ao secretário M. V. da Federação. O exame dos candidatos será feito no próprio acampamento, à escala nacional, consoante o território correspondente a cada país representado. Resta acrescentar que serão organiza-

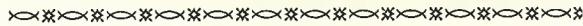
das classes baptismas durante este acampamento a fim de que os M. V. permaneçam até ao fim no espirito de preparação para o batpismo.

Nesse mesmo sábado, terá lugar um apelo especial que convidará os jovens ainda hesitantes, ou talvez um pouco indiferentes, a fazer o compromisso solene de selar um pacto com Deus. Os nomes dos que responderem ao apelo serão comunicados aos pastores interessados.

As famílias, os pregadores e o departamento M. V. devem colaborar entre si, tendo em vista a salvação dos «cordeiros do rebanho»; é por essa razão que desejamos que este «camporee» proporcione a um bom número de juvenis a oportunidade de se baptizarem, encorajando os outros a seguir o seu exemplo posteriormente.

Oremos desde já para que este encontro seja um verdadeiro sucesso para glória de Deus e uma grande bênção para a vida física, moral e espiritual dos nossos juvenis.

N. Bulzis
Secretário M. V.
Divisão Euro-Africana



CURSO DE LEITURA PARA OS JOVENS

O Curso de Leitura deste ano é particularmente interessante e útil.

Consta dos seguintes livros:

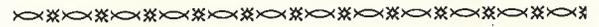
Ellen G. White e a Igreja Adventista do Sétimo Dia, por D. A. Delafield. É uma obra de 96 páginas, escrita por um dos Depositários das Publicações de E. G. White, na qual, com um estilo fascinante e convincente, são apresentados factos confirmando o dom profético nesta serva do Senhor. Após a sua leitura ficamos com mais desejo de ler os seus livros e de seguir as suas mensagens.

Os Emigrantes do Mayflower, por Robert N. Webb. Neste livro, de 224 páginas, é narrada em estilo sàbiamente adaptado aos jovens, a história da épica viagem que, em 1622, levou os Pais Peregrinos da Europa aos Estados Unidos, e do seu estabelecimento naquele país, no meio de tremendas dificuldades, que foram heroicamente vencidas. História de fé e de coragem, que empolga a atenção do leitor desde a primeira à última página.

Evolução ou Criação Especial, pelo Dr. Frank Lewis Marsh. Numa análise, que se estende por 66 compactas páginas, o autor — um dos mais conhecidos especialistas no

assunto —, rebate os argumentos da Evolução, mostrando que a Ciência Natural não tornou obsoletas as afirmações da Escritura Sagrada, e chega à conclusão de que o ponto de vista verdadeiramente científico é o da Criação.

Estas três obras, que, vendidas ao público custariam 48\$00, são fornecidas aos jovens, para o Curso de Leitura deste ano, pelo preço especial de 25\$00.



O COLPORTOR E A COLPORTAGEM

O colportor assemelha-se perfeitamente ao bandeirante, que em busca do precioso ouro fino se embrenha pelas desconhecidas matas adentro da chamada civilização moderna.

Tem o colportor que enfrentar toda a sorte de perigos, desde as formigas, moscas e mosquitos, até às serpentes, leopardos, tigres, leões, feras de todas as espécies, morais e espirituais, até mesmo algumas feras desconhecidas, tão astutas e sagazes que são capazes de escapar à mais sensível percepção de grandes psicólogos. Mas o colportor não se espanta, não se atemoriza e não se detém. Com a atitude de um conquistador cristão, sem arrogância empunha a sua espada de dois gumes, que é a Palavra de Deus, e de cabeça erguida, um sorriso nos lábios, olhos fitos ao longe, marcha através das matas e campinas, passa pelos floridos e perfumados prados, pelos lagos serenos e belos, atravessa os mais caudalosos rios, galga as mais altas montanhas de dificuldades, transpõe os mais profundos e escuros abismos, e estabelece aqui, ali e acolá pequenos postos, deixando atrás de si uma vasta e indestrutível rede de comunicações por meio da página impressa, pela qual o Senhor Deus pode comunicar-Se com as Suas criaturas, até aos mais afastados e recônditos sertões.

A Irmã E. G. White, serva do Deus Altíssimo, acertou em cheio ao dizer que a educação adquirida por este meio prático, que é a colportagem, pode apropriadamente ser chamada educação superior.

Portanto, meus caros mestres e prezados colegas colportores, confesso-vos que não estou arrependido de ter passado estes onze anos na Causa e na divulgação da página impressa, cursando esta Universidade de golpes duros, de onde saem os verdadeiros heróis e verdadeiras vitórias da fé cristã.

Carlos Mendes de Andrade
Colportor evangelista

NOTÍCIAS DO CAMPO

Valter Miguel

A fim de dirigir o seu novo campo de trabalho, embarcou em 28 de Outubro para a Madeira, acompanhado de sua Esposa, o Ir. Valter Miguel.

Dr. B. E. Seton

De passagem pelo nosso país, esteve em Lisboa, em 9 e 10 de Novembro, o Dr. B. E. Seton, antigo missionário em Angola e secretário do Departamento da Escola Sabatina da Divisão Sul-Europeia, actualmente secretário associado da Conferência Geral.

Aníbal Gomes Fraga

De regresso ao seu campo de trabalho na Ilha Brava, Cabo Verde, no dia 10 de Novembro embarcou no Funchal, acompanhado de sua Família, o Ir. Aníbal Gomes Fraga.

W. R. L. Scragg

A fim de tratar de assuntos relacionados com as emissões adventistas em Rádio Trans-Europa, esteve em Lisboa, de 28 a 30 de Novembro, o Pastor Walter R. L. Scragg, secretário do Departamento da Rádio da Conferência Geral.

Helmut Seidel

Acompanhado de sua Esposa, Ir. Maria de Lourdes Campos Seidel, que acaba de concluir a sua formatura em Filologia Clássica na Universidade de Lisboa, e de seu Filho, partiu para Angola, em 2 de Dezembro, o Ir. Helmut Hans Günter Seidel. Marido e esposa vão exercer o professorado no Colégio Adventista do Huambo, em Nova Lisboa.

F A R O

Com uma boa colaboração e principal actuação do nosso jovem evangelista, Walter Miguel e esposa, embora estando desfrutando com sua família nesta província de alguns dias de descanso antes de partirem para seu novo campo de trabalho, efectuámos outra campanha evangelística este ano, de 9 a 16 de Outubro.

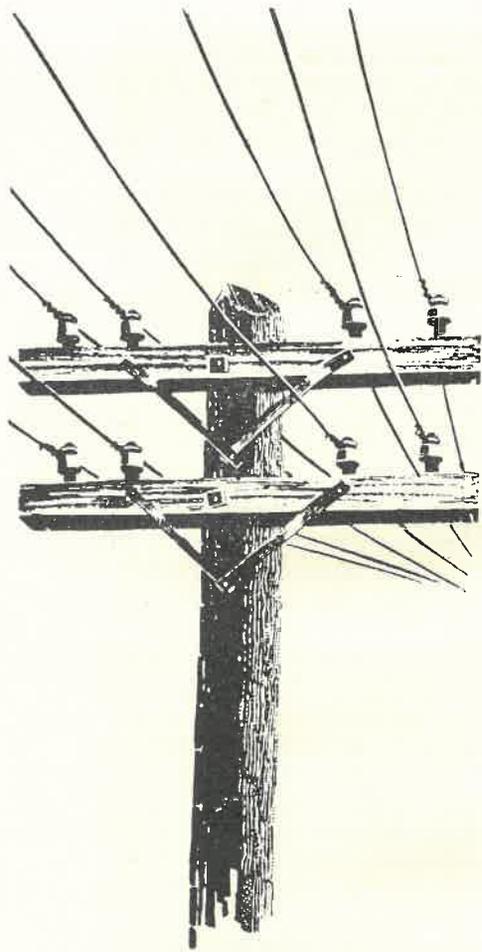
E em razão deste esforço pudemos assim lançar nesta cidade um milhar de convites entre amigos e famílias em especial, graças à boa vontade de nossos irmãos, anunciando esta série de dissertações espirituais, bem como destacada notícia do jornal da cidade. Embora não fosse grande a enchente, dado o estado de endurecimento ou de indiferença para com as coisas da Palavra de Deus do homem deste século de incredulidade, no entanto a igreja adventista desta cidade pôde assim dar sinal de vida e da actividade espiritual que aqui desempenha, e ficámos contentes também porque cerca de uma dezena de visitas se apresentavam todas as noites para ouvirem as preciosas lições da Palavra de Deus.

A apresentação dos temas anunciados era precedida de quinze minutos de cânticos projectados ao lado de lindas figuras bíblicas. Com a sala meio iluminada, todos podiam acompanhar os hinos que preparavam o ambiente e os corações sobretudo para a audição da Palavra de Deus.

E foi com manifesta alegria de todos que terminámos esta bela campanha missionária com uma pequena cerimónia baptismal, na qual três irmãos manifestaram seu decidido desejo de se unir ao povo de Deus pelo baptismo, sendo duas da Vila de Olhão, e uma de Vila Real de Sto. António, a cuja igreja fica pertencendo.

No final, e antes de terminar este esforço, nosso irmão evangelista Walter fez sentido e insistente apêlo às prezadas visitas, despertando nelas o interesse e necessidade de sua salvação, levantando-se alguns e deixando outros seus nomes e endereços a fim de serem visitados e trabalharmos com eles a favor de sua decisão pela verdade.

Aqui fica pois nosso bem sentido agradecimento aos prezados irmãos Walter Miguel e esposa pela dedicação e esforço prestado nesta campanha missionária. Que o senhor nosso Deus os possa usar com saúde e muito bom ânimo e sempre de boa disposição para outras, muitas mais e com maiores resultados, levarem avante para honra e engrandecimento da Causa de nosso Salvador Jesus. Que o Senhor derrame Seu Santo Espírito sobre as almas baptizadas



Joaquim Alegria Morgado

Em 8 de Outubro regressou a Angola o Pastor Joaquim Alegria Morgado, secretário dos Departamentos da Escola Sabatina, Actividades Leigas e Missionários Voluntários da União Angolana. Sua Esposa e Filha seguiram mais tarde, em 10 de Novembro.

Reunião em Barcelona

Em 20 de Outubro, realizou-se em Barcelona uma reunião com representantes da Divisão e de Portugal, Espanha, Itália e Grécia, a fim de tratar de assuntos relacionados com a estruturação da União Sul-Europeia, da qual pasamos a fazer parte. Representaram o nosso país os irmãos Cipriano Baptista, Ernesto Ferreira, José Manuel de Matos, Fernando Mendes, Eugénio Rodriguez e David Vasco.

José da Silva Botelho

Acompanhado de sua Esposa, regressou a Angola, em 21 de Outubro, o Ir. José da Silva Botelho, encarregado da Tipografia da Missão Adventista do Bongo.

assim como sobre as que mostram interesse por esta única e bendita verdade da Fé Cristã!

Vosso conservo em Cristo

Manuel Miguel

ILHA TERCEIRA — AÇORES

«Ouvi-me, ilhas, e escutai vós, povos de longe...» são as palavras do profeta evangélico Isaías, para os nossos dias, nestas atlânticas ilhas. O servo de Deus ape-la às ilhas de longe, num contexto especial, enquanto Israel no cativeiro Babilónico se torna insensível ao chamado «sai de Babilónia».

A ilha Terceira começa a sentir a voz da profecia que, mau grado seu cativeiro espiritual na grande cidade, o exorta com a mensagem «sai dela povo meu».

Damos, a seguir, algumas referências às principais actividades da nossa Igreja, para levar almas à libertação de seus pecados, e bem assim aos seus resultados alcançados.

Visitas Pastorais

No dia 19 de Novembro passado, tivemos o privilégio especial de recebermos o pastor Ernesto Ferreira, dedicado presidente da nossa Associação em Lisboa. Acompanhava-o o pastor Manuel Laranjeira, director da Missão, que vinha colaborar nas reuniões especiais de Angra. A aguardar estes irmãos, o pastor João de Mendonça, da Ilha do Pico, e o signatário.

Mas sobre o que se passou em Angra daremos em seguida noticiário mais pormenorizado.

Consagração de um novo pastor

Logo no primeiro Sábado, nossa Igreja se revestia de um aspecto festivo. Presentes, além de os irmãos das Lages, o presidente da Associação dos Adventistas, o director da Missão e o Pastor da Igreja do Pico. A abri-lhantar essa solenidade, realiza-



João de Mendonça

ram-se duas consagrações ao diaconato, pelo Pastor Laranjeira, e a dedicação ao Senhor de uma criança, pelo pastor Ferreira. Este clima de solenidade atingiu seu climax na tarde do Santo dia, com a consagração ao mi-

oração de consagração e imposição de mãos. Seguiu-se a leitura dos deveres do pastor, o que após o novo pastor recebeu as boas-vindas dos irmãos dirigentes. Finalizou com um testemunho do pastor Mendonça, em que historiou as bênçãos de Deus na sua vida. Aproveitando estas linhas queremos augurar ao prezado e novo pastor, as melhores bênçãos do Céu.

Convenção de Obreiros da Missão

Aproveitando a presença dos obreiros da Missão, o pastor E. Ferreira dirigiu uma breve convenção pastoral na cidade de Angra de Heroísmo. A aplicação prática da Mordomia, foi o tema abordado. Segundo este princípio, Deus nos fez mordomos do tempo, dos talentos e do dinheiro. Cada manhã, tínhamos o culto matinal, dirigido por um dos pastores presentes, após o qual dedicávamos alguns minutos à oração.

Nesta convenção foram tratados outros assuntos, quer de ordem teológica, quer de simples organização eclesial. Damos graças ao Senhor por estas oportunidades.

Campanha Evangelística de Angra de Heroísmo

Depois da visita à igreja das Lages, na sexta-feira 19, teve início na Sábado 20 em Angra, um ciclo de Mensagens sob o tema «CRISTO É A RESPOSTA», dirigidas pelo pastor Ernesto Ferreira, que durou até ao dia 28.

Para o completo êxito, semanas antes, orávamos nas duas igrejas, e o Senhor nos ouviu. Além dos cartazes na montra da congregação e de um outro maior na fachada da mesma, contámos com dois mil convites distribuídos e a imprensa e rádio locais.

Posto isto, não restou dúvidas de que toda a cidade foi advertida para as reuniões especiais. Logo no primeiro dia tínhamos a casa cheia. O pastor conferencista sob a influência do Espírito de Deus soube prender sempre uma congregação superlotada e atenta.

Nas ruas e nas casas não se falava senão nas reuniões. Alguém nos dizia: «Não sabe que falatório (no bom sentido) vai por aí! Estas mensagens vêm em boa ocasião, pois a moral em nosso derredor está em baixo».



Em plena Convenção de Obreiros

Nessa mesma noite o Rádio-Clube de Angra em seu noticiário dissera: «Encontra-se em Angra o pastor Ernesto Ferreira, presidente dos Adventistas do 7.º Dia, que vem realizar uma série de palestras bíblicas, subordinadas ao tema «CRISTO É A RESPOSTA». A imprensa local igualmente a isto se referiu, o que deixava antever boas perspectivas.

nistério do pastor Mendonça, quer pela importância que reveste este acto, quer pelo ineditismo que apresentava esta cerimónia nos Açores.

Dirigiu a sessão de consagração, o presidente da Associação, pastor Ferreira, exortando o novo pastor através duma prática alusiva ao acto. O pastor director da Missão fez subir ao estrado o irmão Mendonça, para

Que o Senhor faça frutificar esta semente lançada e que os livros entregues aos mais assíduos, da autoria do conferencista, possam prolongar, doravante, esta importante obra.

seguida o locutor agradeceu ao pastor Daniel Simões Silva esta oportunidade e pediu-lhe que explicasse o nosso programa para aqueles dias. Tivemos assim ocasião de falar da nossa Reunião

redactor da «União», vespertino local, que vinha realizar uma reportagem para a página dos jovens que ele dirige. Também vimos ainda dois jovens seminaristas na sala. Nosso programa tinha em vista levar-nos a uma retrospectiva dos jovens da Bíblia. Além de um variólogo, tínhamos a música que nos levava para mais perto de Deus, com violino, viola, harmónica e piano. Um disputado concurso bíblico empolgou e entusiasmou os nossos mais admiradores da Bíblia. A composição poética teve lugar preponderante em nossa reunião. Que esta inspirada festa juvenil tenha marcado uma etapa na vida dos jovens crentes em Jesus.



O Pastor Manuel Laranjeira lendo as palavras da investidura

Entrevista radiofónica a dois pastores Adventistas

Quis o Senhor conceder-nos o privilégio especial de conduzir-nos até aos estúdios do Rádio-Clube local para, através das ondas hertzianas, o nome da Igreja Adventista ser levado a todas as ilhas dos Açores.

Foi assim que, no Sábado à noite, uma pequena bomba caiu na cidade, quando o pastor Ferreira e o pastor local foram entrevistados no programa «Pancrama». Em primeiro lugar, o nosso presidente falou da nossa missão principal — pregar o Evangelho; depois respondeu a perguntas sobre actividades médicas e educacionais, em particular em Angola onde estivera cerca de doze anos. Apresentou o porquê das palestras bíblicas — para apresentar Cristo como a resposta aos problemas. Em

especial para jovens, dos baptisimos por imersão como o fez João no Jordão, e, por fim, da Santa-Ceia no domingo 5 de Dezembro. Terminámos dizendo que tínhamos os braços abertos para receber todos os que quisessem comungar do mesmo Espírito de Cristo.

Reunião especial de jovens M. V.

Na tarde do Sábado 27, com a presença do presidente da Associação, a direcção dos M. V. em colaboração com o pastor da igreja, levou a efeito uma reunião especial ou, melhor dito, uma festa espiritual para jovens e amigos dos jovens.

Além dos jovens das duas consitantes que ornamentavam nos gregações, contávamos vários vis sala. Entre eles, via-se um

Baptismos como Cristo no Jordão

Sob este título voltaram os órgãos de informação a advertir o público para uma sessão baptismal na igreja Adventista. Pena que nossa sala seja pequena, pois não couberam todos para assistir. No entanto, com mais de uma vintena de pé, o pastor Ferreira mostrou a necessidade do testemunho público de fé cristã e apresentou o significado do baptismo cristão. O obreiro local dirigiu a profissão de fé e a sessão baptismal. O pastor E. Ferreira fez um sentido apelo aos irmãos e visitas que responderam à voz de Deus.

No final destas espirituais reuniões bem agradecemos a Deus e ao pastor Ferreira, dizendo-lhe: «Vosso trabalho no Senhor não foi em vão». Amém.

Daniel Simões da Silva



O Pastor João de Mendonça dando o seu testemunho



Angra de Heroísmo — Um aspecto da assistência

A ADMINISTRAÇÃO DA VIDA

(Continuação da pág. 6)

Hoje este assunto tem uma importância vital porque está muito implícito na correcta compreensão e prática dos seus princípios. Deus não dará uma segunda oportunidade à família humana. Assim como Adão foi provado para determinar a sua aptidão em permanecer no jardim do Eden, o homem, hoje, deve passar por uma experiência semelhante. Cada membro da família divina deve evidenciar a sua aptidão para ocupar um lugar no Eden-restaurado. Diariamente, a atitude do homem para com Deus é demonstrada pela administração do tempo, dos talentos, das coisas materiais, porque tudo isso pertence a Deus. Ao darmos estas coisas a Deus, motivados pelo amor, fazemos uso do único meio que temos para mostrar a nossa lealdade e gratidão.

«A saúde espiritual e a prosperidade da igreja estão dependentes, em grande medida, da beneficência sistemática.» — 3T 405. Se cada membro fosse totalmente dedicado a Deus na administração sistemática da vida, teria lugar um reavivamento e reforma; verificar-se-ia um emprego altruista de tempo, talentos e meios a fim de terminarmos a obra de Deus na terra. Contudo, o coração egoísta, na sua ambição por dinheiro e segurança material, tem levado a maior parte dos cristãos a interpretar mal os grandes princípios da mordomia. O acto de dar é considerado como uma necessidade desagradável em vez de uma oportunidade maravilhosa de dispor do que Deus tão liberalmente nos tem dado, proporcionando-nos uma maior aproximação de Deus e do nosso próximo. Como resultado, a obra é retardada pela falta de fundos, os caracteres cristãos não se desenvolvem, e a Chuva Serôdia é retardada porque Deus nunca poderá derramar o Seu Espírito sobre uma igreja egoísta.

Hoje, a maior necessidade da igreja não é de dinheiro, mas de uma regeneração espiritual do coração, e de uma extirpação total do egoísmo. Se a necessidade do dinheiro puder ser esquecida, e se cada membro puder aprender a praticar os verdadeiros princípios da mordomia cristã, então todas as necessidades da igreja serão automaticamente supridas, através de corações transbordantes de amor e gratidão. Este não é o único plano que Deus tem para o Seu povo, porque Ele promete abençoar a sua fidelidade. Ele tem mil maneiras que ainda nos são completamente desconhecidas.

AGENDA ADVENTISTA

Fevereiro de 1972

CALENDÁRIO DA IGREJA

Dias

- 5 — Cruzada de Evangelismo pela Bíblia («Uma Bíblia em cada lar»)
- 5 — Oferta para as Actividades Leigas da Igreja
- 19 — Dia do Lar Cristão e Altar da Família
- 19-26 — Semana do Lar Cristão

TABELAS DO PÔR-DO-SOL

Dias	Lisboa	Funchal	P. Delgada
4	19.00	18.42	18.08
11	19.09	18.49	18.16
18	19.16	18.54	18.31
25	19.24	18.59	18.31

DEVOÇÃO MATINAL

Ter. 1 — João 14:6	— Um só caminho para Deus
Qua. 2 — Isa. 13:12	— O homem é mais precioso do que o ouro
Qui. 3 — Cor. 7:23	— Não me pertenço
Sex. 4 — 1 Ped. 1:18, 19	— Comprado com o sangue de Cristo
Sáb. 5 — Isa 43:1	— Deus quer o que Lhe pertence
Dom. 6 — Gál. 1:4	— Cristo deu-Se a Si mesmo por mim
Seg. 7 — 1 Ped. 2:24	— Levou sobre Si os meus pecados.
Ter. 8 — Fil. 2:8	— Morreu na cruz por mim
Qua. 9 — Gál. 6:14	— Ele é a minha única esperança
Qui. 10 — Lev. 17:11 (ul. p.)	— O Seu sangue faz expiação pelos meus pecados
Sext. 11 — Heb. 4:15	— Ele conhece as minhas tentações
Sáb. 12 — 1 João 2:1	— Ele é o meu Advogado
Dom. 13 — Heb. 7:25	— Ele intercede por mim diante de Seu Pai
Seg. 14 — 2 Cor. 5:21	— Ele é a minha Justiça
Ter. 15 — Rom. 5:1	— Sou justificado pela fé
Qua. 16 — Efé. 1:6	— Sou aceite em Cristo
Qui. 17 — Isa. 28:16	— Ele é o meu firme fundamento
Sex. 18 — Prov. 18:24	— Ele é o meu melhor Amigo
Sáb. 19 — Mat. 14:27	— Está sempre perto
Dom. 20 — Heb. 3:1	— Ele é o meu Exemplo
Seg. 21 — 2 Cor. 3:18	— Procuo reflectir a Sua imagem
Ter. 22 — Heb. 7:26	— Ele é «Santo, Inocente, Imaculado»
Qua. 23 — 2 Ped. 1:1	— «Justiça do nosso Deus»
Qui. 24 — João 17:3	— Vida em conhecer ao Senhor
Sex. 25 — Ose. 6:3	— Prossigo em conhecer ao Senhor
Sáb. 26 — Sal. 30:11	— Sou cingido de alegria
Dom. 27 — Sal. 146:5	— Sou feliz ao serviço de Deus
Seg. 28 — 1 Ped. 1:8	— Alegria indizível e cheia de glória
Ter. 29 — Col. 2:10	— «Perfeitos n'Ele»

ANO BÍBLICO

Levítico 1 a Deuteronómio 14

O TALENTO DA INFLUÊNCIA

Por Betty Cooney

A nossa personalidade é um dom peculiar proveniente de Deus, e temos por dever fazer tudo o que está ao nosso alcance para a cultivar e usar para Sua glória. Mostrando interesse nos outros, mostrando-lhes que são bem-vindos ao nosso lar, à nossa igreja, ou onde quer que nos encontremos, nós como membros individuais da igreja podemos fazer muito para dar testemunho e ganhar almas para Cristo.

O mérito do contacto pessoal com os nossos membros da igreja não pode ser subestimado. Ser um membro de igreja não inibe permanentemente ninguém de desânimo. Mesmo um adventista que atingiu a maturidade tem os seus altos e baixos, e uma influência animadora pode muito para o guiar e sustentar. O calor pessoal pode ser de incomensurável ajuda sobre os jovens, provenientes de lares divididos, ou sobre alguém que tenha uma necessidade particular em qualquer momento.

Especialmente em igrejas pequenas e isoladas torna-se fácil esquecer quão importante e valioso é que cada pessoa sincera trabalhe para a igreja. Quando as classes da Escola Sabatina e as congregações em si são pequenas, pode sobrevir um espírito de desleixo e descuido característico. Mas cada grupo, mesmo que seja pequeno, é constituído por pessoas que devem estar constantemente cónscias da necessidade que a igreja delas tem de colaboração especial.

Para além da igreja, cada um de nós tem um círculo de amigos e relações; pode consistir apenas no vizinho ao lado que é muito pobre e no leiteiro, ou pode ser formado por muitas pessoas, incluindo colegas no estudo ou mesmo uma comunidade inteira. Seja como for, o cristão tem a responsabilidade de exercer a sua influência, única dentro da sua esfera particular. Tal responsabilidade desenvolvê-lo-á e dar-lhe-á uma maior capacidade de crescimento espiritual e de utilidade.

Depende da própria pessoa a maneira como usa a sua influência. Se a essência do amor e paciência cristãos são indispensáveis em determinada situação, ela pode prestar um serviço precioso. Acima de tudo, uma vida cristã vitoriosa vivida sem alarde pode dar um testemunho que as palavras nunca poderiam substituir.

Os adventistas que tiveram o privilégio de uma educação esmerada têm uma obrigação muito especial. Com um círculo maior de relações, e com possibilidades intelectuais mais desenvolvidas, a sua responsabilidade é maior. A sua situação enfrenta oportunidades quase ilimitadas para uma influência pessoal.

Um bom número de jovens adventistas tem necessidades especiais que podem ser supridas unicamente por meio do contacto pessoal dos outros membros. Os adolescentes desenvolvem-se num mundo incrível, e a perguntas que a sociedade faz a si mesma, que não consegue responder facilmente, também surgem ao espírito do jovem. Um jovem que acaba de terminar o liceu, ou de tirar um curso, necessita de se identificar activamente dentro da igreja, a fim de compreender o que significa pertencer a um «povo peculiar». Necessita de auxílio espiritual. Ao se integrar na igreja propõe a si mesmo levar a cabo uma obra que exige o máximo dele. Exige mais do que o trabalho a que se vai dedicar depois de ter levado de quatro a doze anos de preparação. Cristãos interessados e dedicados podem servir de ajuda pelo exemplo e pela demonstração prática do amor de Cristo, mesmo que o façam de uma maneira elementar.

Podemos fazer grandes coisas por meio do nosso calor pessoal e da atmosfera que criamos na igreja. Aquele que se empenha em ajudar para que toda a visita se sinta bem na igreja, pode estender a sua influência para lá do convencional apertado de mão.

Grupos têm sido formados nas cidades, quer por estudantes, quer por outros membros. Reunem-se mensalmente, ou quinzenalmente, para confraternizar, ajudando assim os que porventura se sintam solitários.

A influência não deve ser considerada como um enfeite da nossa vida. É uma acção invisível das nossas palavras e actos, que vão produzir efeitos e reacções. Quando reconhecemos a dinâmica que em nós existe por meio desse talento, a vida torna-se muito mais cheia de significado. Os benefícios de uma existência assim passada são incalculáveis, quer para o indivíduo, quer para a igreja. Deus não põe limites ao que uma vida inteiramente consagrada a Ele pode fazer. Porque havemos de ser nós a limitarmos essa acção?